

## A PARUSIA E A VALORIZAÇÃO DO TEMPO FUTURO NO PENTECOSTALISMO

### PAROUSIA AND THE FUTURE TIME APPRECIATION IN PENTECOSTALISM

*Ismael de Vasconcelos Ferreira\**

#### RESUMO

O retorno iminente de Jesus Cristo à terra é um dos mitos mais defendidos e ainda divulgados pela religião pentecostal. Este evento é conhecido pelo termo “parusia” e é comumente abordado pela escatologia, doutrina teológica que estuda as últimas coisas ou o que haverá de acontecer no final dos tempos. Credo nesta doutrina, o fiel pentecostal assume um modo de vida ascético e exclusivista, preferindo a valorização do tempo futuro em detrimento do tempo presente. Este último pode ser comumente associado a um tempo profano. Porém, o tempo sagrado que crê-se será iniciado após a parusia, pode ser experimentado, ainda que de maneira representativa, neste tempo presente. A proposta deste trabalho é fazer uma comparação entre a parusia e a valorização do tempo futuro no pentecostalismo, analisando suas nuances de acordo com a doutrinação escatológica pentecostal. Com isto, pretende-se lançar um olhar compreensivo acerca do fenômeno pentecostal, contribuindo para um entendimento das dinâmicas que caracterizam o fenômeno atualmente.

**Palavras-chave:** Escatologia, mito, parusia, pentecostalismo.

#### ABSTRACT

The imminent return of Jesus Christ to the earth is one of the most defended myths and yet disclosed by the Pentecostal religion. This event is known by the term "parousia" and is commonly approached by eschatology, theological doctrine that studies the last things or what will happen in the end times. Believing in this doctrine, the Pentecostal faithful assumes a way

---

\* Doutorando em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Bolsista Capes.  
E-mail: .| [ismaelvasconcelos@yahoo.com.br](mailto:ismaelvasconcelos@yahoo.com.br).

of ascetic life and exclusive, preferring the enhancement of the future tense rather than the present time. The latter can be commonly associated with a profane time. But the sacred time that is believed to be initiated after the parousia, can be experienced, albeit in a representative manner, in the present time. The purpose of this work is to make a comparison between the parousia and the appreciation of the future tense in Pentecostalism, analyzing their nuances according to the Pentecostal eschatological indoctrination. With this, we intend to launch a comprehensive look about the Pentecostal phenomenon, contributing to an understanding of the dynamics that characterize the phenomenon today.

**Keywords:** Eschatology, mith, parousia, Pentecostalism.

## 1 INTRODUÇÃO

Uma das doutrinas mais relevantes da religião pentecostal é a crença mítica da volta de Jesus Cristo ao mundo a fim de arrebatá-la sua igreja (seu povo) para um lugar preparado por ele nos céus. Esta seria a “viva esperança” dos fiéis que professam a referida religião. Trata-se de uma complexa doutrina que é descrita por um ramo da teologia denominado “escatologia”. Dentro deste ramo teológico, este acontecimento extraordinário foi denominado de “parusia” e mantêm-se entre os assuntos mais falados nos redutos pentecostais, por ocasião das prédicas que são proferidas em seus cultos.

A proposta deste trabalho é fazer uma comparação entre a parusia e a valorização do tempo futuro no pentecostalismo, analisando suas nuances de acordo com a doutrinação escatológica pentecostal. Para isto, inicialmente foi feito um estudo teórico acerca da compreensão mítica desta escatologia, a fim de situar o tema em uma abordagem antropológica, seguindo a linha de pensamento de teóricos como Edmund Leach e Lévi-Strauss que analisaram a constituição de diversos mitos provenientes de culturas até então estranhas ao chamado homem moderno.

Com o intuito de compreender a parusia do ponto de vista da religião pentecostal, um segundo item foi escrito baseado principalmente na sistematização de suas doutrinas, notadamente a escatologia. Para tanto, foram relatados históricos que revelavam a proeminência do assunto ainda na era primitiva, conforme são



conhecidos os tempos bíblicos. Estes tempos foram cruciais para a consolidação do mito na era atual.

Por fim, o último item tratou de abordar a expectativa do fiel pentecostal na vivência do presente, mas com forte apelo à esperança pelo futuro. Esta notória contrariedade reflete exatamente o anseio que este fiel tem por usufruir tão logo as promessas reservadas ao tempo escatológico ou, como mencionado neste trabalho, ao *kairós* que por sua vez contrapõe-se ao *cronos*.

De fato, a parusia, que tem na escatologia pentecostal seu principal apoio doutrinário, constitui-se o ápice desta religião. Assim, é compreensível que esta doutrina seja cada vez mais ressaltada no meio pentecostal, incentivando seus membros a um viver ascético e preocupado com o futuro, apesar de todo um discurso materialista que vem sendo implementado em algumas igrejas pentecostais. Mesmo este discurso, com seu aparente prejuízo à doutrina estabelecida, serve de embasamento à parusia, por ter sido também previsto ainda antes de sua sistematização.

## 2 A COMPREENSÃO MÍTICA DA ESCATOLOGIA PENTECOSTAL

O universo religioso pentecostal é recheado de concepções míticas que visam dar explicações àquilo ainda não explicado empiricamente. Assim, a necessidade de formulações míticas torna-se premente à medida que o homem, ser social que é, submete-se a questionamentos que põem em xeque suas certezas ou incertezas, fazendo-o refletir, por exemplo, sobre a origem das coisas ou mesmo o fim delas.

Pensar sobre a origem das coisas pode ser um exercício menos oneroso, já que se trata de algo que já passou e uma análise histórica poderia trazer o seu entendimento. No entanto, a própria constituição histórica é composta de mitos que foram sendo repassados genealogicamente e que, cristalizados pela escrita, alcançaram um status de fato histórico difícil de ser questionado e por vezes compreendido.

Mas esses fatos históricos míticos não tratam apenas de dar explicações sobre o passado, mesmo porque é muito comum em algumas tradições religiosas, por



exemplo, fazer projeções ou especulações acerca do que ainda há de vir. A ansiedade por conhecer os fatos referentes ao futuro também é capaz de construir mitos que tentam explicar, além da origem das coisas, o fim delas. E com isto, fazem com que indagações como “de onde viemos?”, “para onde vamos?”, “o que estamos fazendo aqui?”, “qual o nosso lugar no mundo?”, que denotam exatamente a “incerteza, insegurança, instabilidade, enfim, desconforto” ante o futuro, sejam tão comuns em círculos religiosos ou mesmo científicos (TOLOVI, 2011).

Sendo assim, a compreensão mítica de algumas religiões sobre o passado ou o futuro, estão embasadas primordialmente em acontecimentos que se deram no passado, ou seja, regem-se de acordo com o que já foi preestabelecido anteriormente (LÉVI-STRAUSS, 1975). O caso aqui analisado (escatologia pentecostal) tem seu surgimento exatamente em eras bíblicas, onde era bastante comum o surgimento de mitos que ainda hoje têm importante significação para algumas religiões, dentre elas a pentecostal.

Considerando, portanto, a religião como uma porta para o transcendente, por tratar quase que exclusivamente deste, ela carece de mitos que a amparem, a fim de tornarem esse transcendente manipulável e plausível. Esta é também uma necessidade do ser humano, considerado um ser de transcendência e que, amparado pelos mitos e a religião, “busca afirmações que alimentem sua esperança” (TOLOVI, 2011) e que tragam resposta a fatos outrora inexplicáveis do cotidiano, como a morte. É neste momento que mitos como o céu e o inferno, enquanto lugares de habitação eterna, fazem todo sentido para um fiel que tem que passar por uma situação assim, seja com um ente querido ou consigo mesmo, quando imagina-se nesta situação. Desta forma, quando o homem lança mão de mitos e da religião, ele está buscando a transcendência, ou seja, o “ainda não”, aquilo que ainda está por vir, o escatológico.

Nesta situação, o homem encontra segurança e conforto nos mitos, pois já não está desamparado e desesperançado, mas, graças a eles, consegue compreender a origem das coisas que lhe sobrevieram, ou que ainda acontecerão, e pode de fato descansar, acomodar-se, sendo estas as duas principais funções do mito.

Assim, os mitos têm uma influência considerável ainda hoje em meio às relações sociais do ser humano. Constantemente, ele busca neles o sentido das

coisas ao seu redor, a fim de mantê-lo firme e seguro no mundo onde está inserido. Na verdade, esses mitos são elementos fundantes da cultura hodierna, notadamente a religiosa, e constituem-se “uma forma de manifestação genuinamente humana, a partir de uma necessidade intrínseca de um ser que possui o poder da imaginação e que precisa se localizar, explicar e se sentir seguro” (TOLOVI, 2011).

Outra atribuição importante dos mitos e que ajudará na compreensão mítica da escatologia pentecostal é a capacidade que eles têm de estabelecer categorias opostas ou binárias como bom e mau, homem e mulher, morto e vivo, primeiro e último, etc. (LEACH, 1983). Essas categorias refletem bem a dualidade do universo religioso pentecostal que também recorre a um certo maniqueísmo quando deseja explicitar suas crenças míticas escatológicas.

Dentro dessa estrutura binária há, de acordo com Edmund Leach, a necessidade de uma mediação que “é sempre alcançada com a introdução de uma terceira categoria, que é ‘anormal’ ou ‘anômala’ em termos das categorias ‘racionais’ comuns” (LEACH, 1983). Esta “terceira categoria” representa a forma como os mitos são apresentados e sempre são assemelhados a personagens surgidos ou concebidos de maneira extraordinária e única. Por exemplo, nas histórias míticas, há sempre os “monstros fabulosos, deuses encarnados, mães virgens” (LEACH, 1983) com funções de mediação entre a categoria binária específica. No caso da escatologia pentecostal enquanto promotora da categoria binária terra e céu, tem-se a Jesus Cristo como seu mediador. Este seria também um “deus encarnado”, como aquele citado anteriormente.

Ainda em outra análise do papel dos mitos, Lévi-Strauss apud Klaus Hock afirma que “mitos expressam (...) problemas fundamentais, tanto humanos como sociais, e, nesse sentido, a análise dos mitos pode nos fornecer também informações sobre problemas estruturais numa sociedade” (HOCK, 2010). De fato, e conforme já foi comentado anteriormente, faz parte do mito o papel de acomodar-se ou tranquilizar-se ante o inexplicável. Problemas complexos podem ter sido “resolvidos” com a criação dos mitos que hoje ordenam o mundo religioso e isto pode ser constatado através de uma análise desses mitos. Mas é preciso ressaltar que eles não constituem simples reflexos da sociedade, já que tendem a transcender isto com



a criação de alternativas, como a produção de modos de vida contrários ao que está posto à sociedade hodierna, independente da condição que ela se encontre.

Aplicando-se este breve referencial teórico ora exposto, é possível compreender como se dá a escatologia em meio aos crentes pentecostais. Esses fiéis têm como características definidoras diversos mitos que os acompanham desde seu início, mas há um que pode ser considerado como o ápice de toda a doutrina pentecostal que é a parusia, ou a segunda vinda de Jesus Cristo à Terra para “buscar seu povo”. A doutrina teológica que se aplica ao estudo deste assunto é a escatologia, já citada anteriormente algumas vezes, mas ainda não definida, como será feito agora.

A palavra “escatologia” pode ser aplicada em diversos sentidos e conseqüentemente pode ter muitos significados. Basicamente, e como é mais conhecida no meio pentecostal, é a doutrina sobre as “últimas coisas”, a fé em soluções finais. Trata-se da “esperança das pessoas crentes de que a falta de acabamento de sua presente experiência de Deus será resolvida, sua presente sede por Deus preenchida, sua presente necessidade de livramento e salvação realizada. É a fé na resolução do ainda não resolvido.” (DALEY, 1994, p. 13 apud ROCHA, 2009, p. 26).

Esta esperança nas coisas que ainda estão por vir move o fiel pentecostal a viver sempre em busca do transcendente, daquilo que pode confortá-lo em meio a situações de ignomínia e desprezo. Não encontrando resolução para seus problemas em um nível horizontal (ou terreno), ele apela para o vertical (ou celestial), depositando todas as suas esperanças em momentos de êxtase ou mesmo na espera pela parusia. Aí ele descansa e encontra segurança e conforto, funções principais do mito, já relatadas anteriormente.

A escatologia pentecostal é também constituída de categorias binárias, já que defende a existência de um maniqueísmo que será eliminado quando o Messias, ou o mediador, que é Jesus Cristo, regressar à Terra e retirar deste mundo os “bons” que convivem necessariamente com os “maus”. Da mesma forma, esta “vida terrena”, composta das mais diversas obras que contrariam a “santidade de Deus”, podendo ser consideradas como más, será substituída por uma “vida celestial” onde só há “gozo, paz e alegria”. Por fim, no momento da retirada dos “bons”, estes que agora



vivem em “corpos corruptíveis”, deverão receber “corpos incorruptíveis”, que não sofrerão mais a influência do mal ou de qualquer outro sentimento restrito à vida hodierna.

Uma possível justificativa para a existência desse mito é a crença na maldade e “pecaminosidade” do mundo que já se encontra sem esperança, de acordo com a escatologia pentecostal. Existindo, então, um povo que vive miticamente de acordo com esta doutrina, é dado a eles o direito ou o “prazer” de um dia, “desfrutarem de um novo lar, uma nova pátria”, deixando este mundo à mercê da sua própria pecaminosidade. Este lugar mítico, almejado pelos pentecostais, seria um outro mundo, não regido por leis humanas ou quaisquer outras leis conhecidas, mas um mundo absolutamente contrário a este, onde as categorias binárias do mito aconteceriam plenamente.

Ressalte-se que este mito não diz respeito somente a um futuro distante, pois o fiel que o observa procura desde já vivenciá-lo em seu cotidiano. Daí decorre a prática do ascetismo, comumente ainda observada em algumas tradições religiosas pentecostais, que procuram viver o agora como se já estivessem no (ou muito próximo do) fim, como se evidenciassem no presente a escatologia propriamente dita.

Assim, a espera pela parusia seria um momento de ansiedade, mas ao mesmo tempo de tranquilidade, pois estes fiéis, tendo convicção de que estão de acordo com o que o mito exige, aguardam confiantes o surgimento do seu Messias, a fim de resgatá-los deste mundo e levá-los consigo, para um lugar especial, há muito tempo preparado. Esta espera também é encorajada pela tradição bíblica, pois o Messias, em sua primeira vinda à Terra, não teria implantado seu reino de maneira completa, apenas deixou ensinamentos acerca dele e incentivou seus seguidores a começarem a vivê-lo ainda aqui, de maneira temporária. Com seu advento, esse reino seria implantado definitivamente, não mais aqui, mas nos céus, para onde os fiéis pentecostais creem que irão um dia, conforme reza o mito da parusia.

### **3 A PARUSIA OU O RETORNO IMINENTE DE JESUS**



O termo parusia refere-se à segunda vinda de Jesus Cristo à Terra, de acordo com a narrativa bíblica que é defendida pelas igrejas cristãs protestantes. A parusia seria o ápice da doutrina desta religião e é mais enfatizada pelo pentecostalismo que sempre pautou suas crenças míticas na defesa desse futuro acontecimento. Na verdade, existe uma forte aproximação entre essa doutrina escatológica e os pentecostais, que desde sempre ansiavam pela volta de Cristo e, enquanto isso não acontecia, procuravam pautar suas práticas em um estilo de vida ascético, visando uma preparação para viver em um novo mundo, a partir da parusia.

A iminência desse retorno contribuía para o estilo de vida ascético já referido, pois ainda de acordo com a crença mítica, isto aconteceria de maneira abrupta e instantânea, “num abrir e fechar de olhos”. Esta expressão é muito utilizada nos redutos pentecostais, sobretudo quando se deseja fazer menção da necessidade de separação ou santificação dos fiéis ante o “mundo”, já que em uma vinda abrupta, não daria tempo de haver uma preparação demorada, mas sim que os crentes já deveriam estar preparados para não serem surpreendidos pelo acontecimento. Trata-se do fator surpresa da parusia que estimularia os fiéis a estarem atentos, a fim de não serem pegos despreparados.

Esta crença mítica ainda é muito considerada, principalmente devido à quantidade de vezes que é mencionada na narrativa bíblica do Novo Testamento. De acordo com CGADB (2006), há mais de trezentas menções sobre este acontecimento somente nesta parte da bíblia. E um dos personagens mais cridos pelos cristãos, o apóstolo Paulo, também enfatiza este acontecimento, mencionando-o em seus escritos bíblicos mais de cinquenta vezes (CGADB, 2006). Isto é significativo para afirmar que a parusia é uma das doutrinas mais importantes da bíblia, bem como do Novo Testamento.

O modelo de devoção a este mito, seguido atualmente pelos pentecostais, não é de hoje nem de algum tempo atrás. Trata-se de uma crença milenar, ainda observada pelos cristãos primitivos, de acordo com o relato bíblico. Os cristãos pertencentes à “igreja primitiva” eram constantemente lembrados da iminência desse acontecimento, tanto que demonstravam total desapego à materialidade das coisas, preferindo prescindir destas a fim de garantir “um tesouro nos céus, aonde não chega



ladrão e a traça não róí” (Lucas 12.33). Este ideal de vida acompanhou muitos crentes nas eras seguintes, contribuindo para a sistematização da doutrina escatológica pentecostal, que procurava valorizar o além ao invés do aquí.

Em meio a uma situação de cerceamento dos primeiros cristãos, como descrito na narrativa bíblica de Atos dos Apóstolos, devido à perseguição religiosa do governo em vigor, restava a esses cristãos uma esperança mítica que era motivada pela mensagem que Cristo havia deixado entre eles. Esta mensagem consistia no fortalecimento através da fé em suas palavras que, dentre outras coisas, ressaltava a necessidade de padecer um pouco as agruras deste mundo enquanto ele mesmo, Cristo, não retornasse para resgatá-los. Assim, esta esperança mítica era nutrida e almejada constantemente pelos primeiros cristãos.

Da mesma forma, as dores sofridas por esses cristãos representavam confirmações de que a vinda de Cristo estaria mais próxima. Sendo assim, além de serem injustificáveis, do ponto de vista legal da época, eram consideradas necessárias e por vezes prazerosas, já que demonstravam uma identificação com o Messias, que também havia sofrido essas (ou piores) dores e apontavam miticamente para o advento deste, ou seja, a parusia, acompanhadas de recompensas celestiais.

É possível afirmar, portanto, que o retorno iminente de Jesus causava, além da expectativa, prazer no sofrimento ocasionado pela crença, conforme está escrito no texto bíblico a este respeito: “bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. *Exultai e alegrai-vos*, porque é grande o vosso galardão nos céus.” (Mateus 5.11,12 – grifo nosso). Havia, então, um contentamento diante de qualquer ignomínia, pois resultaria no retorno mais breve de Jesus Cristo a fim de resgatar aquelas pessoas.

Ressalte-se que isto não constava apenas da teologia cristã reinante na época. Não era simplesmente algo teórico ou ideológico. Tratava-se de uma “viva esperança”, capaz de transformar uma pequena comunidade perseguida por um poderoso império em um modelo que passou a ser reproduzido por outras comunidades, mais recentes, a partir da sistematização teológica da escatologia pentecostal.

Assim, sempre que há uma situação de perseguição semelhante a esta dos cristãos primitivos, narrada anteriormente, aumenta a expectativa pela parusia entre



os cristãos hodiernos que ainda mantém as mesmas tradições de outrora. Situações que põem em perigo a manutenção da doutrina bíblica estabelecida, a liberdade de expressão religiosa, mudanças consideráveis na constituição política e social do mundo e incertezas quanto a um futuro próximo, remetem àquilo que já havia sido experimentado pelos primeiros cristãos. Trata-se do mesmo sentimento de prazer experimentado por aqueles, pois creem que algo sobrenatural e transcendente haverá de acontecer a fim de trazer redenção àqueles que adotam uma posição contrária (mas não ofensiva) ao que é estabelecido pelo governo reinante e, ao invés de oporem-se de maneira contundente, preferem ficar distantes, crendo que esses acontecimentos são necessários para garantir o cumprimento da promessa mítica que lhes havia sido feita. Esse posicionamento torna-os marginalizados e desenraizados socialmente, já que não encontram paridade com as relações estabelecidas hodiernamente.

Com isso, toda e qualquer manifestação notoriamente contrária aos preceitos histórico-doutrinários já estabelecidos, assemelha-se ao que foi, novamente recorrendo ao texto bíblico, descrito por Jesus Cristo, que afirmou que “por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará” (Mateus 24.12). Este amor é comumente associado à esperança pela segunda vinda do Messias pelos cristãos que, devido ao crescimento da já citada “pecaminosidade” no mundo, têm deixado de lado este anseio escatológico. É como se os cristãos hoje perseguidos, assim como eram também os cristãos primitivos, não aceitassem mais isso, preferindo aderir ao sistema vigente, ao invés de manifestarem uma oposição (pacífica) ao que está posto. Novamente, isto também sinaliza a concretização mítica da parusia.

Semelhantemente, mas agora se referindo à sociedade de um modo geral, a escatologia pentecostal sistematizada compara o atual modo de viver das pessoas com “os dias de Noé”, personagem bíblico que, em sua época, devido ao total distanciamento dos homens com relação a Deus, foram castigados com o dilúvio. Aquela época era caracterizada, de acordo com Zibordi (2011), pelo materialismo, indiferença e violência, características ainda hoje muito comuns de acordo com a crença escatológica ainda vigente de algumas instituições religiosas pentecostais. Este cenário também seria ideal para o advento de Cristo, de acordo com a doutrinação mítica da parusia.



#### 4 VIVENDO O PRESENTE NA ESPERANÇA DO FUTURO

Diante do que se viu até agora, o mito da parusia tende a produzir naqueles que o seguem mais interesse no que está por vir do que por aquilo que já é, ou seja, anseia-se pela esperança do futuro em detrimento do que se vive no presente. Isto porque o tempo que é vivido pelos fiéis pentecostais deve ser o “tempo do fim” e tudo o que corresponde a fatos que transcendem a regularidade do mundo seria “o fim dos tempos”. Isto ainda é um reflexo da tradição mítica da igreja primitiva, narrada em Atos dos Apóstolos, que acreditava que o fim estaria próximo e por isso não investiria sentimentos em um mundo efêmero, que já estava com seus dias contados.

No âmbito desta igreja primitiva, as expressões extáticas e constantes repetições destas que ocorriam frequentemente, associadas a momentos de encorajamento em dispor de bens a fim de repartirem tudo uns com os outros, figurava o momento ideal para que a parusia acontecesse, já que se acreditava também estar vivendo um início do reino de Deus. Aliado a isso, ainda havia a perseguição por parte do governo vigente, que fez com que muitos se dispersassem e outros morressem, conforme narra a tradição mítica.

Apesar de toda essa situação contrária, situação essa que causava medo entre os cristãos primitivos, em determinado momento esse medo transformava-se em esperança, pois acreditavam que após todas as adversidades, uma vida melhor os aguardava (RODRIGUES, 2010). Obviamente que a concretização desta esperança não dizia respeito a este mundo físico, mas a um “mundo espiritual”, aos céus, como são comumente comparados pelos cristãos de hoje. Lá haveria a consumação do reino de Deus, iniciado ainda aqui, mas com desfecho final (e eterno) nos céus.

Isto acarretava nesses cristãos um estranhamento ao mundo político e social, já que este prefigurava aquilo que era mau e, conseqüentemente, ia de encontro ao sagrado que era apregoado pela igreja primitiva. Decorria disso o ascetismo a este mundo e o apego àquilo que era considerado sagrado e que, por conseguinte, aproximava de Deus. As intempéries que esses cristãos também passavam eram valorizadas pela igreja de então, pois através destas estariam expressando a santificação e conseqüentemente recebendo a salvação, este sendo um prêmio de



consolo àqueles que sofreram no mundo presente por não aderirem aos costumes e práticas deste.

É possível observar neste relato inicial a existência de uma binariedade no mito da parusia. O binômio “sagrado e profano” pode ser representado pela vivência em santificação (resultado da separação do fiel do mundo) e anseio por estar logo com Cristo nos céus, deixando para trás uma cultura de ênfase material e pecaminosa. Assim, a separação entre o sagrado (o modo ascético de viver do cristão, em santificação) e o profano (a existência terrena desse cristão) expressam a ansiedade pela vida futura, numa “cidade celestial” em contraposição à existência terrena.

Isto implica ainda os conceitos de *cronos* e *kairós* enquanto explicação ao entendimento do tempo pela escatologia pentecostal. O primeiro, *cronos*, expressaria o tempo conforme é entendido naturalmente, ou seja, a contagem comum; seria o tempo “cronológico”. Este é bem compreendido pelo homem. Por ele são regidas todas as ações humanas. Paralelamente, o *kairós* expressaria o tempo de Deus, ou aquele pelo qual não se pode mensurar, que se dá na eternidade. Neste tempo mítico, que foge à compreensão humana, estariam todas as dádivas espirituais a serem conquistadas pelos cristãos após a parusia. Ele não seria algo ainda a acontecer, mas já estaria ativo, na eternidade.

Apesar do caráter mítico deste tempo (*kairós*), ele é também considerado e, de certa forma vivido pelo cristão, pois, na concepção de Mircea Eliade, este seria o tempo do *homo religiosus*, o tempo que é gerido por Deus, no qual não sofre a interferência do homem, sendo este apenas um simples participante deste/neste tempo (ELIADE, 1992).

Destarte, as duas concepções de tempo descritas aqui apontam também para a binariedade do mito da parusia, já que esta se daria ainda no *cronos*, mas seria consolidada no *kairós*. Também, a parusia marcaria a transição de um tempo ao outro. Grosso modo, seria possível compará-la à transição do profano ao sagrado, ainda que isto, entendido miticamente, aconteça mesmo antes da parusia, pois os cristãos tendem a viver no *cronos* o *kairós* e vice-versa, sendo que a concretização do *kairós*, conforme já foi narrado, aconteceria ante o advento de Jesus Cristo, na parusia.

A representação prática do *kairós* no *cronos*, que seria possível também compará-la com a sacralização do profano, acontece com a atuação da igreja (instituição religiosa responsável pela transmissão dos mitos) no mundo. Esta igreja, e no caso aqui abordado pentecostal, ressalta com veemência em seus credos, a iminência da vinda de Cristo. Porém, esta vinda não deve ser somente esperada, mas proclamada a todos, fazendo multiplicar esta esperança entre todas as pessoas. Isto revela o caráter proselitista das igrejas pentecostais que incentiva os seus adeptos a retransmitirem esta crença a outras pessoas na esperança de que estas também venham a crer e esperar no mito da parusia.

Um resgate histórico desta atuação da igreja mostra que tal prática é proveniente ainda dos tempos cristãos primitivos que atuavam como buscadores de pessoas “pecadoras” a fim de terem “um encontro com Cristo”. Com isto, essas pessoas também se tornariam comprometidas com a mensagem que lhes foi compartilhada, fazendo-as multiplicadoras da mensagem e buscadoras de novas pessoas para que, por fim, pudessem também usufruir da promessa mítica de viver o *kairós* no *cronos*, enquanto o primeiro não acontecia definitivamente. Esta ação deveria pautar toda a missão da igreja, corroborando com o que já foi exposto, que a mensagem mítica do retorno de Cristo ao mundo (parusia) seria o ápice da doutrina cristã (COUTO, 2011).

Esta “missão” atribuída aos adeptos das religiões proselitistas, além de causar uma preocupação com o futuro, convence esses adeptos a crerem na efemeridade de suas vidas no mundo contemporâneo. Comumente podem ser ouvidos termos como “peregrinos e forasteiros” entre esses fiéis que expressariam a condição em que vivem ou deveriam viver. Esta concepção é baseada no texto bíblico de 1 Pedro 2.11 que incentiva os fiéis a adotarem um estilo de vida ascético por embasar-se na brevidade deste mundo, revelando uma necessidade de desprezo pela vida regalada aqui, já que algo melhor estaria sendo preparado no futuro, e este bem próximo. Obviamente que isto é acompanhado, pelo que é conhecido entre esses fiéis, de “tentações”, já que o aparente desprezo àquilo que causa prazer no mundo atual acarretaria uma resistência entre o que se deseja e o que não se deve. Esta “luta” reflete o ideal cristão de que enquanto estiverem vivendo no profano, a negação de possíveis favores ou benesses que afastariam este cristão de sua “comunhão”, deveria ser encorajada a



fim de se obterem “galardões celestiais”. Desta forma, esta “luta” ao invés de desprezada seria valorizada, pois ressaltaria ainda mais a convicção que têm esses fiéis ante a brevidade da volta de Cristo.

O comportamento em questão deve ser valorizado por todos os cristãos, devendo também ser testemunhado a fim de encorajar outros cristãos que estejam sucumbindo a essas tentações. No entanto, a própria instituição que mantém e reproduz os mitos, notadamente o da parusia, adverte àqueles que, em decorrência da cessão aos “apelos mundanos”, ou seja, vivenciam constantemente o profano em detrimento do sagrado, correm o sério risco de não serem participantes da efetivação deste mito, por ainda estarem sob a influência do tempo presente, que por definição seria mau e pecaminoso (RODRIGUES, 2010).

Ainda outro aspecto do mito da parusia é o fator surpresa. Nele, o fiel é estimulado a viver no tempo presente de maneira vigilante e cuidadosa, pois reza a crença que a volta de Jesus Cristo dar-se-á repentinamente, de maneira súbita, não havendo tempo para posterior preparação. Metaforicamente é comparada à chegada de um ladrão em uma residência que certamente não o esperava, e que arrebatava seus bens mais preciosos sem que possa fazer nada para impedir. Isto encoraja os fiéis a estarem sempre alertas quanto à existência do mito, a fim de não se contentarem com o tempo presente, deixando de lado a expectativa pela vida futura, sabendo que este acontecimento poderá se dar a qualquer momento.

Isto reflete, novamente, a importância dada ao tempo sagrado (*kairós*) que, miticamente, controla o tempo profano (*cronos*). Apesar de não se ter conhecimento temporal acerca do acontecimento da parusia, este já teria “dia e hora” marcados de acordo com a compreensão mítica deste tempo sagrado. Daí que a volta de Cristo deve ser esperada a qualquer momento, já que a temporalidade divina é diferente da humana, sendo aquela regida pelo *kairós* e esta pelo *cronos*.

Talvez a compreensão mítica da parusia suscite a crença de que a existência da igreja, ainda presente neste mundo, deve consistir numa peregrinação alienada e contemplativa, já que destoa constitutivamente dos objetivos comumente estabelecidos pelo governo secular. De fato, a expectativa pela vida futura faz com que esta igreja atue de maneira indiferente aos projetos seculares do mundo que a



rodeia. No entanto, ela deve agir pontualmente naquilo que visa o bem-estar das pessoas, com o intuito de indiretamente manifestar a prática do ideal de santificação de todos, a fim de também serem participantes da parusia. Afinal, um caráter exclusivamente ascético não permitiria a entrada de outras pessoas e como a pregação proselitista faz parte do mito, ela deve adequar-se às necessidades plurais da humanidade, visando a “salvação” desta, indistintamente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O anseio pelo que está por vir ainda permeia o universo pentecostal. Mesmo após longos anos de espera, seja desta geração ou da geração que passou ou de outras que já passaram há milhares de anos, a força do mito da parusia ainda hoje é levada em conta. Isto é devido, principalmente, à repetição deste que é feita quase que ritualmente pelas igrejas pentecostais.

A valorização desse mito ainda no presente século poderia refletir um movimento de contracultura, já que com o passar do tempo, as sociedades foram valorizando cada vez mais o materialismo e o usufruto deste como resultado de uma vida próspera e plena. Ainda assim, um pequeno grupo de pessoas continua acreditando que tudo isso é efêmero e não é comparável àquilo que é eterno e que está guardado para aqueles que ainda creem no advento de Cristo por ocasião da parusia.

Contemporaneamente, isso pode soar como uma alienação ou uma forma de escapismo. De fato, há algumas correntes pentecostais que ainda interpretam o mito da parusia de maneira fundamentalista e radical. No entanto, já é possível observar mudanças significativas na sistematização desta doutrina, aproximando-a mais das concepções pertinentes ao presente século, tornando-a inclusive promotora de melhorias políticas e sociais no mundo.

Mesmo assim, ainda haveria a ênfase na parusia, com um aparente desprezo pelo tempo presente e a valorização do tempo futuro. No entanto, esta ênfase estaria eivada de um discurso secular e pluralista que, entendendo a doutrina pentecostal como ascética e exclusivista, começa “desverticalizar” a esperança futura por uma



redenção celestial em uma transformação do atual modo de viver dos cristãos, de modo que estes passem a ter direito ao usufruto das bênçãos prometidas pós-parusia ainda neste mundo.

O mito da parusia deverá manter-se plausível doutrinariamente, vez que compõe o credo da maioria das instituições pentecostais e ainda é defendido veementemente por uma considerável parcela desta religião. Porém, a concretização desta só será possível quando o *kairós* for determinado e assim cumprirem-se todas as promessas que precedem este acontecimento. Quem viver verá!

## Bibliografia

CGADB. *Manual de Doutrinas das Assembleias de Deus no Brasil*. Elaborado pelo Conselho de Doutrina da CGADB. 7. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

COUTO, Geremias do. *Eclesiologia – a Doutrina da Igreja*, p. 379-439. In: GILBERTO, Antonio; ZIBORDI, Ciro Sanches (orgs.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HOCK, Klaus. *Introdução à ciência da religião*. São Paulo: Loyola, 2010.

LEACH, Edmund Ronald. *Antropologia*. São Paulo: Ática, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1978.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

ROCHA, Daniel. *Venha a nós o Vosso Reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 147f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

RODRIGUES, Vinicius Emanuel. *Esperando o fim do mundo: representações do tempo na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil (1999-2000)*. In: OLIVA, Alfredo dos Santos e BENATTE, Antonio Paulo. *Cem anos de Pentecostes – Capítulos*



da História do Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 211-247.

TOLOVI, Carlos Alberto. Mito, religião e organização social. *Pensar – Revista Eletrônica da FAJE*, v. 2, n. 1, p. 118-135, 2011.

